



© Alejandro Coutinho

EDITORIAL

EDITORIAL



Pela construção psicopolítica da emancipação no encontro internacional de pesquisa

Evandro Vieira Ouriques¹

Immanuel Wallerstein mostrou que a ciência deve aceitar que “a racionalidade inclui a escolha de uma política moral” (Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales, 2005, p 26). Quando os sujeitos protestam contra a *insegurança*, sob as formas da corrupção e da violência (lembrando que a corrupção é uma maneira a mais da violência) eles estão justamente exigindo uma “moral”, entendida aqui como uma ética das atitudes, como referência para a capacidade de tomada de decisão, do julgamento compartilhado da verdade, capaz de permitir o encontro na diferença, do qual depende o ser humano por condição e, portanto, do qual depende a qualidade emancipatória, frente aos regimes de servidão, das investigações construídas em rede.

Sabemos que é antiga a crise da teoria social e da filosofia hegemônicas por sua incapacidade para gerar tal experiência de encontro, inclusive sistematicamente rejeitada por elas como “idealismo” ou “irrealidade” por parte de quem a investiga. São séculos de dualismo e de seus filhos perversos - (1) o axioma hobbesiano, que imaginou metafisicamente que seres humanos no Estado não usariam a mesma violência que fora dele seria a “essência” humana, insuperável; e (2) o perspectivismo ontológico com sua justa recusa da unidade de autoritária de Deus e do Soberano mas incapaz de imaginar uma unidade aberta, como é a condição comunicacional do ser humano, que demonstra que a comunicação é a referência segura para a capacidade de julgar, uma vez que é lei natural-cultural não estabelecida em abstrato e de uma vez por todas.

Ao passo que o ser humano para Hobbes seria mal por natureza e para Rousseau bom por natureza, os dois capturados pelo referido dualismo, Espinosa deixou claro o que nós assumimos e aprofundamos na Teoria Psicopolítica: o conhecimento seguro depende da investigação da natureza das afecções, ou seja, da gestão psicopolítica que se faça em rede do fluxo dos estados mentais, como detalhei aqui mesmo em *Agora de Heterodoxias* (Ouriques 2015).

As pesquisadoras e os pesquisadores precisam escutar seriamente a urgência da renovação da teoria social e fi-

losofia pois Wright Mills estava certo quando afirmou em 1959 que “nem a vida de um indivíduo nem a história de uma sociedade pode ser entendida sem que se entenda as duas” (Calhoun y Wieviorka, 2013). Neste contexto, o Conselho de Decanos das Faculdades de Ciencias Sociales y Humanas das Universidades Nacionales de Argentina, um país conhecido pelo grau de politização de seu povo, insistiu em 2003 que havia uma crise do pensamento que impossibilitava “gerar idéias capazes de fazer ressurgir o país em sua a sua integridade” (Calhoun y Wieviorka, 2013). Não seguir esta recomendação resultou na situação atual de nosso país irmão.

Como fazer, então, ontológica, epistemológica, teórica, metodológica e experimentalmente, a humanidade ressurgir em toda a sua integridade de dentro do fascismo que emergiu de novo, agora globalmente? Quando as perspectivas para o Brasil, a América Latina e o Caribe são muito graves?

Avancemos um ponto central sobre este assunto quando *Agora de Heterodoxias*, mais uma vez, vem à luz. A *insegurança* é um estado psicopolítico, porque envolve de forma sincrônica, como falei, o “psiquismo” e as “instituições” -e apresenta-se como a mais importante preocupação da sociedade por ela estar articulada com a referida condição comunicacional dos seres humanos, como logo vou tratar.

Antes, é indispensável lembrar que o estado mental de *insegurança* -mental, no sentido platônico, ou seja, de “mente incorporada”, como para Francisco Varela e Antonio Damásio, e, portanto, no sentido psicopolítico- é o fundamento do estado de *exceção*, que se instaurou de maneira crescente, como se sabe, a seguir do ataque suicida de 11 de Setembro, com o Lei Patriota (*USA PATRIOT ACT*²), que restringiu liberdades e garantias constitucionais dos cidadãos tanto norte-americanos quanto estrangeiros.

Esse regime de *exceção*, uma vez que organizado no tratamento punitivo dos seres humanos privados da condição de pessoas pois privados de suas garantias estabelecidas pelo Estado de Direito -perda que foi identificada por exemplo por Agamben (2004) e trabalhada em profundidade por Manuel Cancio Meliá em conversações com Gunther Jakobs (2007) sobre o Direito Penal do Inimigo, é promovido precisamente na produção do estado mental de *insegurança* através de uma dinâmica de operações psicopolíticas estruturada em dois eixos: em um ameaça a segurança e a proteção e em outro as oferece

¹Brasileiro. Professor Associado da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diretor do Centro de Estudos Transdisciplinares de Teoria Psicopolítica e Conciencia. E-mail: evandro.vieira.ouriques@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1000-8447>.

através da obediência, obtida, uma vez que se dirige a esta predisposição fundamental do ser humano, de maneira voluntária, através da servidão voluntária (La Boétie, 1922).

Como demonstrou Eugenio Raúl Zaffaroni, ex-ministro da Corte Suprema de Justiça da Argentina e juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos, da qual o governo argentino neoliberal de Macri quer retirar (Zaffaroni, 2018), a concentração da riqueza avança através da criação mediático-parlamentar-judiciária de uma sucessão de “bodes expiatórios”, da invenção de um rale social, de uma casta de párias, do ataque à corrupção como um disfarce para destruir a política.

Essas técnicas perversas de construção de um “senso comum” igualmente perverso vêm teorizadas na criminologia desde longe, com Carl Schmitt à frente. É também claro para Zaffaroni que o sistema penal na América Latina tornou-se funcional a esse poder de monetarização da vida: “Na medida em que criam e potencializam a violência, estão debilitando o Estado, que é o que eles querem. E a mídia está pedindo cada vez mais prisões, reproduzindo cada vez mais violência. É um mecanismo totalmente funcional para esse impulso totalitário do capitalismo financeiro. (...) Nesse cenário, os limites éticos, morais e legais estão caindo, o que significa que esse poder vai se tornar um poder criminoso global. Quando falo “criminoso” não estou falando metaforicamente” (Zaffaroni, 2018).

O aprofundamento e globalização deste “estado criminoso”, que é o estado de delírio³ neoliberal, surpreendeu a teoria social e filosofia hegemônica uma vez que aconteceu com a adesão voluntária, acima mencionada, a este efeito de real de segurança, quando na verdade o que este estado oferece é exatamente o oposto: o aumento da *insegurança*, por exemplo, através da destruição da função-mãe do Estado (da função protetora, restando apenas a função de “pai-déspota”) e, assim, de direitos históricos do trabalho, da previdência, de recursos nacionais, etc.

O perspectivismo ontológico em que estão fundamentadas a teoria social e a filosofia hegemônicas as cegou em relação à condição humana comunicacional do ser hu-

mano como o *sentido-em-comum-não-perverso-da-humanidade*, e assim as impediu de ver as operações da quarta geração da guerra, a guerra psicológica, dirigidas às predisposições dos sujeitos à manipulação, especialmente à também referida predisposição à segurança e proteção que constitui o sentido desta condição, uma vez que o hiato entre os aparelhos sensoriais e os aparelhos motores do ser humano o institui na escuta da voz da mãe (-função da mãe, o pai da função-pai de fraterna função), na experiência da linguagem, da expressão e linguagens, pois não somente linguística.

A antropobiologia filosófica e a emergência das teorias da comunicação, especialmente da propaganda e das relações públicas, que emergiram no meio da primeira metade do século passado já tinham provado a importância dos aparelhos psicopolíticos da cultura (Ouriques, 2017), da determinação da realidade pela infraestrutura mental, como se tornou ainda mais inequívoca com o fenômeno da campanha presidencial do capitão Bolsonaro no Brasil, toda estruturada em redes sociais e em sua sistemática recusa em participar de qualquer debate público. Isto é, definida pela ausência de comunicação, pela ausência de diálogo, numa espécie de atualização digital da teoria hipodérmica da comunicação.

Neste sentido, Marina Lucía Prieto, da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, apresenta, nesta edição de *Agora*, importantes conclusões de sua linha de pesquisa sobre a construção discursiva da *insegurança* pelos jornalistas que trabalham em meios digitais, tratando assim das greves de policiais em 21 províncias da Argentina que ocorreram em 2013, mais intensamente em Córdoba e Tucumán, motivadas por demandas por melhores salários e condições de trabalho, e que se manifestaram também através do abandono do trabalho, ocupação de edifícios públicos e saques em algumas cidades, como as citadas. Em seu artigo, ela examina como os conceitos de justiça e *insegurança cidadã* são construídos no Facebook e como ali são representados tais atos dos sujeitos.

Como falei, sabemos que esta e toda atividade de pesquisa depende, sobretudo, para seu aprimoramento e consolidação, de sua internacionalização urgente e cres-

²Acrônimo de Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act, fue promulgada por el presidente de los Estados Unidos George W. Bush el 26 de octubre de 2001.

³Exactos 100 años después de Goethe, en 1932, Walter Benjamin comentó en detalles el delirio y la locura, que, a pesar de minuciosos, piden la atención: “Infelizmente é de conhecimento geral que praticamente não há nada mais contagioso do que o delírio e a loucura. (...) O delírio se assume por imitação, muitas vezes sem se dar por conta, por complacência, pelo simples fato de estar convivendo com o delirante, pela participação em suas restantes boas intenções, por boa-fé. O delírio se transmite do mesmo modo que o bocejo, assim como os traços faciais e estados de ânimo passam de uns para os outros, ou uma corda musical responde harmonicamente a outra. Soma-se a isso ainda a diligência do delirante em confiar-nos as opiniões favoritas de seu ego como se fossem jóias, e ele sabe bem como se comportar para fazer isso; quem para agradar um amigo não começará delirando inocentemente com ele, para logo depois chegar a uma boa-fé poderosa e transplantar essa sua fé nos outros com a mesma diligência. (...) O delírio, justamente por ser delírio, gosta tanto de companhia; é nela que ele se revigora, porque se estivesse por conta própria não teria razão de ser nem certeza de nada; tendo essa finalidade, até a pior companhia é a melhor coisa para ele”. Walter (2013, pp82).

cente, seja por professores ou alunos. A este respeito, em seu artigo, Ana Ruth Chinchilla Castillo, coordenadora do Programa de Pesquisa para a Promoção da Rede-ProRed, e Evelyn Patricia Gutiérrez Soto, Doutora em Comunicação e Paz pela Universidade para a Paz das Nações Unidas e da Universidade de La Laguna, Espanha, apresenta os resultados de pesquisas sobre os estudantes que participaram em 2015-2016 em experiências de internacionalização da investigação, sob a liderança de ProRed e da Comissão de Mobilidade Estudantil-CONARE, na Universidade Estadual Aberto de Costa Rica. Trata-se de uma investigação curta, na qual foi feito o censo de toda a população que foi mobilizada durante esse período e é proposta uma taxonomia de competências em pesquisa que evidenciou uma série de benefícios que colaboraram no desenvolvimento de habilidades de investigação e de crescimento dos alunos entrevistados.

Por sua vez, Luis Enrique Ibarra-Morales, Professor da Universidade do Estado de Sonora, e Marley Guadalupe Gutierrez Leyva, estudante do quinto semestre da Escola de Pós-Graduação em Relações Comerciais Internacionais da Universidade Autónoma de Sinaloa, tratam, através do estudo sistemático do *Questionário de Auto-atribuição de um Comportamento Socialmente Responsável* aplicado a uma amostra estratificada proporcional a 1090 estudantes da Universidade Estadual de Sonora (distribuídos em 20 Programas Acadêmicos considerados como estratos), da identificação de frequências e intenções de comportamento socialmente responsável. Como conclusão enfatizam que as mulheres têm uma maior influência sobre a auto-atribuição de responsabilidade social em ambas escalas e em cada categoria estatisticamente significativa.

É assim que Francisco Isaías Camacho Rodriguez, do Programa de Desenvolvimento Humano da Universidad Occidental Lisandro Alvarado e Menção Honrosa no XXX Concurso Internacional de Ensaio do Centro Latinoamericano de Administração para o Desenvolvimento-CLAD, investiga em seu artigo a ética deontológica em prosa, verso e oratória de Andrés Eloy Blanco, a partir do fato de Domingo Miliani alertar sobre a recorrência do fio como símbolo de continuidade para além do finito na obra deste famoso poeta popular da Venezuela, figura transcendente da política nacional no primeira metade do século XX. O fio e o tecido surgem então, nas palavras do autor, como elementos que tecem uma trama moral desejada nos tempos do poeta, tanto nas prosa de imprensa como nos ensaios e também em seus discursos como parlamentar, e nos tempos de exílio em que ele viveu no México, entre 1948 e 1955, ano de sua morte, que ocorreu em Cuernavaca.

De fato, os comportamentos socialmente responsáveis,

e, melhor, os comportamentos sócio-ambientalmente responsáveis, são os fios que tecem o tecido emancipatório, que o tecem com a ética, com a trama moral do encontro dos fios; da comunicação entre as crianças como eles ensinam os nativos da Sierra Nevada de Santa Marta com o seu pensamento-tecido: que continuemos a construir a possibilidade psicopolítica do encontro de investigação internacional, o que o torna real a cada passo.

Referencia bibliográfica

- Agamben, G. (2004). Estado de exceção. Boitempo: São Paulo
- Calhoun, C. y Wieviorka, M. (2013). *Manifeste pour les sciences sociales*. Socio, N° 1. pp. 3-38.
- Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales (ed.) (2005). *Crisis de las ciencias sociales de la Argentina en crisis*. Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales y Prometeo Libros: Argentina.
- Jakobs, G. & Meliá, M. (2007). *Direito Penal do Inimigo: noções e críticas*. Organização e tradução André Luís Callegari e Nereu José Giacomolli. Livraria do Advogado/Editora: São Paulo.
- La Boétie (1922). *Le discours de la servitude volontaire suivi de Mémoire touchant l'Édit de Janvier 1562 [inédit] et d'une Lettre de M. Le Conseiller de Montaigne*. Editions Bossard: Paris.
- Ouriques, E (2017). *Teoría Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura*. Volumen I. 1ª Edición. Colección Teoría Psicopolítica. Co-edición Universidad de La Frontera, Universidad Nacional de La Plata, Universidad Federal de Río de Janeiro, Universidad do Oporto y Universidad de Groningen.
- Ouriques, E (2015). *A teoria da gestão e a emancipação psicopolítica do sujeito do autocontrole contínuo e dos balanços anuais*. in *Ágora de Heterodoxias*, Vol 1, N° 2. Universidad Centroccidental "Lisandro Alvarado: Barquisimeto, Venezuela.
- Walter, B, (2013). *O capitalismo como religião*. Bomtempo Editorial: São Paulo.
- Zaffaroni, (2018) <https://www.sul21.com.br/areazero/2018/08/eugenio-raul-zaffaroni-poder-financiero-mundial-vi-ro-una-organizacao-criminosa/>

For the psychopolitics construction of the emancipation in the international investigative encounter

Evandro Vieira Ouriques⁴

Immanuel Wallerstein has shown that science must accept that “rationality includes the choice of selecting a moral policy” (Council of Deans of Faculties of Social and Human Sciences of National Universities, 2005, p. 26). When individuals protest against *insecurity*, under the forms of corruption and violence (reminding that corruption is another form of violence) they are precisely demanding for a “moral”, understood here as an ethic of attitudes, as a reference for a decision-making ability of the truth shared judgment, being capable of allowing the meeting in the difference, on which the human being depends on condition and, therefore, on which depends the emancipatory quality, facing the serfdom regimens, of investigations built-in network.

We are aware that the crisis of the social theory and the hegemonic philosophy are ancient by their failure in generating that encounter experience, even systematically rejected by them as “idealism” or “unreal” by whoever investigates it. There are centuries of dualism and its perverse children. (1) The Hobbesian axiom that metaphysically imagined that humans in the State would not use the same violence, that outside of it the human “essence” will be insurmountable; and (2) the ontological perspectivism, with its fair recuse to the authoritarian unity of God and the Sovereign but incapable of imaging an open unit, as the human communicational condition is, which proves that communication is a secure reference for judgment ability, once that is logic not established in abstract and at one time.

While the human being for Hobbes will be bad by nature and for Rousseau good for nature, both captured by the referenced dualism, Spinoza made clear what we assume and deepen in the Psychopolitics Theory; the assure knowledge depends on the investigation of the natures’ condition, that is to say, the psychopolitics managing is done by networking the flow of mental states, as I stated herein *Agora de Heterodoxias* (Ouriques, 2015).

Researchers require listening seriously the urgency of renovating the social theory and the philosophy since Wright Mills was certain when he claimed in 1959 that “nor the life of an individual nor the history of a society can be understood without both being understood”

(Calhoun & Wieviorka, 2013, p. 3-38). In that manner the Council of Deans of Faculties of Social and Human Sciences of National Universities of Argentina, country known for its people’s degree of politicization, insisted on 2003 that there was a crisis of thought that prevented “to generate ideas capable to flourish the country in all its integrity” (Calhoun & Wieviorka, 2013, p. 3-38). Not following this recommendation resulted in the current situation of our fellow country.

How to do then, ontological, epistemological, theoretical, methodological and experimental, the humankind resurface in all its integrity from within the Fascism that emerged once more, now in a global manner? When the perspective for Brazil, Latin America, and the Caribbean are very severe?

Let us move forward to the main point on this subject when Agora, once more, come to light. Insecurity is a psychopolitical state since it involves synchronously -as I said- “psychism” and “institutions” – and it is presented as the most relevant concern in society, for it is articulated with the human being’s communication condition, as I will state later on.

Before, it is essential to remember that the *mental state of mental-insecurity* in a non-Platonic sense, meaning, of “incorporated mind”, as to Francisco Varela and António Damásio and therefore in the psychopolitical sense- is the basis of the exception state, established in network increasingly, as it is known, after September 11th suicidal attempt, with the Patriot Act (*USA PATRIOT ACT*⁵), that has restrained freedom and *citizens* constitutional guarantees, both Americans and foreigners.

That exception regime, once organized in a punitive treatment to humans prevented from people conditions, since deprived from the warranties established by the rule of law –lost that has been identified, for example, by Agamben (2004) and deeply worked by Manuel Cancio Meliá in his conversations with Gunther Jakobs (Jakobs & Meliá, 2007), about the Criminal Law of the Enemy- it is justly promoted in the production of the *insecurity* mental state through dynamic psychopolitics operations structured in two axes: in one threatens la security and protection and in the other offer them through obedience obtained, once is directed to this fundamental predisposition of the human being, voluntarily, through the voluntarily serfdom (La Boétie, 1922).

As it is been proved by Eugenio Raúl Zaffaroni, former minister of the Justice Supreme Court of Argentina and judge of the Inter-American Court of Human Rights,

⁴Brasileño. Profesor Asociado de la Escuela de Comunicación y del Programa de Posgrado en Historia de las Ciencias y de las Técnicas y Epistemología, ambos de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Director del Centro de Estudios Transdisciplinarios de Teoría Psicopolítica y Conciencia/ECO/UFRJ. Dirección de correo electrónico: evandro.vieira.ouriques@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1000-8447>.

from which the Argentinian government of Mauricio Macri wants to ban, wealth concentration is advancing through the media-parliamentary-judiciary creation of a succession of scapegoats, of the invention a social character, from a caste of pariahs, from the attack to corruption as a verse to destroy politics.

These perverse techniques of construction of a “common sense” equally perverse come theorized in criminology from afar, with Carl Schmitt at the headland. It is also clear for Zaffaroni that the penal system in Latin America became functional to the life’s monetization power. “As far they create and promote violence, they are weakening the State which is what they want. And in the media more prisons are asking, replicating more violence. It is a complete functional mechanism to that totalitarian drive of the financial capitalism. (...) In this setting, ethical limits, moral and legal are falling, which makes that that power becomes a worldwide criminal power. When I say ‘criminal’ I am not talking metaphorically. (Zaffaroni, 2018).

The deepening and globalization of that “criminal state”, which is the delirium state (Walter, 2013) neoliberal, surprised the social theory and the hegemonic philosophy once that occurred with the referenced voluntarily adherence to this real effect of security, when actually what this state offers is exactly the opposite: the increase of *insecurity*, for example, through the destruction of the State’s mother-function (the protective function, leaving only the “father-despot” function) and so on the historic work rights, social security and pensions, national resources, etc.

The ontological perspective on which are founded the social theory and the hegemonic theory blinded them in relation to the human being communicational condition as the *non-perverse-common-sense* of humankind, and kept them from seeing the operations of the fourth generation of war, the psychological war, addressed to the predisposition of subjects’ manipulation, especially to the also referred predisposition to security and protection that constitute the significance of this condition, once the hiatus between the sensory devices and the motor devices of the human being is established in listening the mother’s voice (of mother-function, of the father, of the father-function, of the fraternal-function), in the language’s experience, of expressions and languages, not only linguistics.

The philosophical anthropobiology and the emergence of the communication theories, especially of propaganda and public relations that emerged in the first half of the

last century had already proved the importance of the culture’s psychopolitics instruments (Ouriques, 2017), for the determination of reality by the mental infrastructure, as it certainly became with the phenomenon of the presidential campaign of Captain Bolsonaro in Brazil, all structured in social networks and his systematic refuse to participate in any public debate. That is to say, defined by the absence of communication, by the absence of dialogue, in a sort of digital update of the communication’s hypodermic theory.

In this sense Mariana Lucía Prieto, from the National University of Córdoba, Argentina, presents, in this *Ágora’s* edition, important conclusions of her investigation line on the discursive construction about the *insecurity* carried out by journalists working in digital media, referring to police stoppages in 21 provinces of Argentina that occurred in 2013, more intensely in Córdoba and also in Tucumán, motivated by claims for salary improvement and working conditions, that were expressed by work abandonment, assaulting buildings and lootings in some cities, as in those cited. In her article, she examines how the concepts of *justice* and *citizen insecurity* are built on Facebook and how the acts of the individuals involved in these looting are represented and evaluated there.

As I said, we know that this and all researching activity depends, above all, for its refinement and consolidation of its urgent and growing internationalization, either by teachers or students. In that sense, in her article, Ana Ruth Chinchilla Castillo, coordinator of the Research Program for the Promotion of Networked Work- ProRed, and Evelyn Patricia Gutiérrez Soto, PhD in Communication and Peace by United Nations University for Peace and La Laguna University, Spain, shown the investigation results about the students that participated in 2015-2016 in international research-internships under the leadership of ProRed and the CONARE’s Commission of Student Mobility, in the Distance State University of Costa Rica. It is a brief investigation, in which was counted the entire population mobilized during that period under a competency taxonomy that shown a series of benefits that contributed in the investigation skills development and personal growing of the students interviewed.

Likewise, Luis Enrique Ibarra Morales, professor of the Sonora State University, and Marley Guadalupe Gutiérrez Leyva, fifth semester’s student in the Major of International Business Relationships from the Autonomous University of Sinaloa, cover through a systematic study of the Self-attribution Questionnaire for Socially Responsible Behaviors applied to 1,090 students of the Sonora

⁵Acrónimo de Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act, fue promulgada por el presidente de los Estados Unidos George W. Bush el 26 de octubre de 2001.

State University (distributed in 20 Academic Programs considered as stratum) about the identification of the frequency and intentions in the socially responsible behaviors. It highlights that women exert a higher influence in the self-attribution of socially responsible behaviors in both scales and in each significant statistic category.

It is so that Francisco Isaías Camacho Rodríguez, from the Human Development Program from the Western-Central University Lisandro Alvarado and Honorable Mention in the XXX International Essay Contest of the Latin American Center for Administration Development-CLAD, researches in his article the deontological ethics in prose, verse and oratory from Andrés Eloy Blanco, from the fact of Domingo Miliani warning about the recurrence of the thread as a symbol of continuity after the finite in the work of this distinguished popular poet of Venezuela, transcendental figure of the national politics in the first half of the 20th century. The thread and the weave emerge then, in author's words, as elements that baste and darn a moral plot longed in the poet's time, as well as in the journalistic prose as in the essayistic and even in his speeches as a parliamentarian, and in the times of the exile that he lived in México, between 1948 and 1955, year of his death, occurred in Cuernavaca.

In fact, the socially responsible behaviors, and better, the socio-environmentally responsible behaviors are the threads that weave the knitting with the ethic, with the moral plot of the threads' encounter; of the communication between the threads, as the indigenous from Sierra Nevada of Santa Martha teach with their *knitting-thought*: to proceed in the construction of the psychopolitics of the international investigative encounter that makes it real at each step.

Referencias bibliográficas

- Agamben, G. (2004). Estado de excepción. Boitempo: São Paulo
- Calhoun, C. y Wieviorka, M. (2013). Manifeste pour les sciences sociales. Socio, N° 1. pp. 3-38.
- Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales (ed.) (2005). Crisis de las ciencias sociales de la Argentina en crisis. Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales y Prometeo Libros: Argentina.
- Jakobs, G. & Meliá, M. (2007). Direito Penal do Inimigo: noções e críticas. Organização e tradução André Luís Callegari e Nereu José Giacomolli. Livraria do Advogado/Editora: São Paulo.
- La Boétie (1922). Le discours de la servitude volontaire suivi de Mémoire touchant l'Édit de Janvier 1562 [inédit] et d'une Lettre de M. Le Conseiller de Montaigne. Editions Bossard:

Paris.

- Ouriques, Evandro Vieira (2017). Teoría Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura. Volumen I. 1ª Edición. Colección Teoría Psicopolítica. Co-edición Universidad de La Frontera, Universidad Nacional de La Plata, Universidad Federal de Río de Janeiro, Universidad do Oporto y Universidad de Groningen.
- Ouriques, Evandro Vieira (2015). A teoria da gestão e a emancipação psicopolítica do sujeito do autocontrole contínuo e dos balanços anuais. In Ágora de Heterodoxias, Vol 1, N° 2. Universidad Centroccidental "Lisandro Alvarado: Barquisimeto, Venezuela.
- Walter, Benjamin, (2013). O capitalismo como religião. Bomtempo Editorial: São Paulo.
- Zaffaroni, (2018) <https://www.sul21.com.br/areazero/2018/08/eugenio-raul-zaffaroni-poder-financeiro-mundial-vi-rou-uma-organizacao-criminosa/>

Por la construcción psicopolítica de la emancipación en el encuentro investigativo internacional

Evandro Vieira Ouriques⁶

Immanuel Wallerstein ha mostrado que la ciencia debe aceptar que “la racionalidad incluye la elección de una política moral” (Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales, 2005, p 26). Cuando los sujetos protestan contra la *inseguridad*, bajo las formas de la corrupción y de la violencia (recordando que la corrupción es una forma a más de violencia) ellos están justamente demandando por una “moral”, comprendida aquí como una ética de las actitudes, como referencia para la capacidad de toma de decisión, del juicio compartido de la verdad, que sea capaz de permitir el encuentro en la diferencia, del cual depende el ser humano por condición y, por tanto, del cual depende la calidad emancipatoria, frente a los regímenes de servidumbre, de las investigaciones construidas en red.

Sabemos que es antigua la crisis de la teoría social y de la filosofía hegemónicas por su incapacidad de generar tal experiencia de encuentro, incluso por ellas sistemáticamente rechazada como “idealismo” o “irrealidad” por parte de quien la investiga. Son siglos de dualismo y de sus hijos perversos - (1) el axioma hobbesiano, que imaginó metafísicamente que seres humanos en el Estado no utilizarían de la misma violencia que afuera de él, sería la “esencia” humana, insuperable; y (2) el perspectivismo ontológico, con su justa recusa a la unidad autoritaria de Dios y del Soberano pero incapaz de imaginar una unidad abierta, como es la condición comunicacional del ser humano, que demuestra que la comunicación es la referencia segura para la capacidad de juicio, una vez que es lógica no establecida en abstracto y de una sola vez.

Al paso que el ser humano para Hobbes sería malo por naturaleza y para Rousseau bueno por naturaleza, los dos capturados por el referido dualismo, Spinoza dejó bien claro lo que asumimos y profundizamos en la Teoría Psicopolítica: el conocimiento seguro depende de la investigación de la naturaleza de las afecciones, o sea, de la gestión psicopolítica que se haga en red del flujo de estados mentales, como detallé aquí mismo en *Ágora de Heterodoxias* (Ouriques, 2015).

Los investigadores precisan escuchar en serio la urgencia de la renovación de la teoría social y de la filosofía, pues Wright Mills estaba cierto cuando afirmó en 1959 que “ni la vida de un individuo ni la historia de una sociedad pueden ser entendidas sin que se entienda las dos” (Calhoun, y Wieviorka, 2013, pp 3-38). En este sentido el Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales de Argentina, país conocido por el grado de politización de su pueblo, insistía en 2003 que había una crisis del pensamiento que imposibilitaba “generar ideas capaces de hacer resurgir al país en toda su integridad” Calhoun, y Wieviorka, 2013, pp 3-38). No seguir esta recomendación resultó en la presente situación de nuestro país hermano.

¿Cómo hacer entonces, ontológica, epistemológica, teórica, metodológica y experimentalmente, la humanidad resurgir en toda su integridad de dentro del fascismo que emergió una vez más, ahora de manera global? ¿Cuándo las perspectivas para Brasil, América Latina y Caribe son muy graves?

Avancemos un punto central sobre este tema cuándo *Ágora de Heterodoxias*, una vez más, sale a la luz. La *inseguridad* es un estado psicopolítico, pues involucra de manera sincrónica, como hablé, el “psiquismo” y las “instituciones”- y se presenta como la más importante preocupación de la sociedad por estar articulada con la referida condición comunicacional del ser humano, como luego trataré.

Antes es indispensable recordar que el *estado mental de inseguridad -mental* en el sentido no platónico, o sea, de “mente incorporada”, como para Francisco Varela y António Damásio, y por tanto en el sentido psicopolítico es el fundamento del *estado de excepción*, que se instauró en red de manera creciente, como se sabe, a seguir del atentado suicida de 11 de Setiembre, con la Ley Patriota (*USA PATRIOT ACT*), que ha restringido libertades y garantías constitucionales de los ciudadanos tanto estadounidenses como extranjeros.

Ese régimen de excepción, una vez que organizado en el trato punitivo a seres humanos privados de la condición de personas, pues privados de sus garantías establecidas por el Estado de Derecho -pérdida que ha sido identificada por ejemplo por Agamben (2004) y trabajada en profundidad por Manuel Cancio Meliá en sus conversaciones con Gunther Jakobs (Jakobs, & Meliá, 2007), sobre el *Derecho Penal del Enemigo*- se promue-

⁶Brasileño. Profesor Asociado de la Escuela de Comunicación y del Programa de Posgrado en História de las Ciencias y de las Técnicas y Epistemología, ambos de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Director del Centro de Estudios Transdisciplinarios de Teoría Psicopolítica y Conciencia/ECO/UFRJ. Dirección de correo electrónico: evandro.vieira.ouriques@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1000-8447>.

ve justamente en la producción del *estado mental de la inseguridad* a través de una dinámica de operaciones psicopolíticas estructurada en dos ejes: en uno amenaza la seguridad y la protección y en otro las ofrece mediante la obediencia, obtenida, una vez que se dirige a esta predisposición fundamental del ser humano, de manera voluntaria, mediante la servidumbre voluntaria (La Boétie, 1922).

Como ha demostrado Eugenio Raúl Zaffaroni, exministro de la Corte Suprema de Justicia de Argentina y juez de la Cohorte Interamericana de Derechos Humanos, de la cual el gobierno argentino de Mauricio Macri lo quiere sacar, la concentración de riqueza avanza por medio de la creación mediática-parlamentaria-judiciaria de una sucesión de *chivos expiatorios*, de la invención de una ralea social, de una casta de parias, del ataque a la corrupción como verso para destruir la política.

Estas técnicas perversas de construcción de un “sentido común” igualmente perverso vienen teorizadas en la criminología desde lejos, con Carl Schmitt a la cabeza. Está claro también para Zaffaroni que el sistema penal en América Latina se tornó funcional a ese poder de monetización de la vida: “En la medida en que crean y potencian la violencia, están debilitando el Estado, que es lo que ellos quieren. Y los medios se están pidiendo cada vez más prisiones, reproduciendo cada vez más violencia. Es un mecanismo totalmente funcional a esa pulsión totalitaria del capitalismo financiero. (...) En este escenario, van cayendo límites éticos, morales y legales, lo que hace que ese poder vaya a convertirse en un poder criminal a nivel mundial. Cuando hablo ‘criminal’ no estoy hablando metafóricamente” (Zaffaroni, 2018).

La profundización y globalización de ese “estado criminal”, que es el estado del delirio (Walter, 2013)⁹ neoliberal, sorprendió la teoría social y la filosofía hegemónicas una vez que ocurrió con la referida adherencia voluntaria a este efecto de real de *seguridad*, cuando en verdad lo que este estado ofrece es exactamente el contrario: el aumento de la *inseguridad*, por ejemplo por medio de la destrucción de la función-madre del Estado (de la función protectora, restando solamente la función de

“padre-déspota”) y así de derechos históricos del trabajo, de la seguridad social y pensiones, de recursos nacionales, etc.

El perspectivismo ontológico en que están fundamentadas la teoría social y la filosofía hegemónicas las cegó en relación a la condición comunicacional de ser humano como el *sentido-en-común-no-perverso* de la humanidad, y así las impidió de ver las operaciones de la cuarta generación de la guerra, la guerra psicológica, dirigidas a las predisposiciones de los sujetos a la manipulación, en especial a la también referida predisposición a la seguridad y a la protección que constituye el sentido de esta condición, una vez que el hiato entre los aparatos sensoriales y los aparatos motores del ser humano lo instituye en la escucha de la voz de la madre (de la función-madre, del padre, de la función-padre, de la función-fraterna), en la experiencia del lenguaje, de la expresión y lenguajes, pues no solamente lingüística.

La antropobiología filosófica y la emergencia de las teorías de la comunicación, sobretodo de la propaganda y de las relaciones públicas, que emergieron en la mitad de la primera mitad del siglo pasado ya habían probado la importancia de los aparatos psicopolíticos de la cultura (Ouriques, 2017), de la determinación de la realidad por la *infraestructura mental*, como se quedó aún más inequívoco con el fenómeno de la campaña presidencial del capitán Bolsonaro en Brasil, toda estructurada en las redes sociales y en su recusa sistemática a participar de cualquier debate público. O sea, definida por la ausencia de comunicación, por la ausencia de diálogo, en una especie de actualización digital de la teoría hipodérmica de la comunicación.

En este sentido Marina Lucía Prieto, de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, presenta, en esta edición de *Ágora*, conclusiones importantes de su línea de investigación sobre la construcción discursiva de la inseguridad por los periodistas que trabajan en medios digitales, tratando así de los paros policiales en 21 provincias de Argentina que ocurrieron en 2013, más intensamente en Córdoba y también Tucumán, motivadas por reclamos de mejoras salariales y de condiciones de trabajo, y que

⁷Acrónimo de Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act, fue promulgada por el presidente de los Estados Unidos George W. Bush el 26 de octubre de 2001.

⁸Exactos 100 años después de Goethe, en 1932, Walter Benjamin comentó en detalles el delirio y la locura, que, a pesar de minuciosos, piden la atención: “Infelizmente é de conhecimento geral que praticamente não há nada mais contagioso do que o delírio e a loucura. (...) O delírio se assume por imitação, muitas vezes sem se dar por conta, por complacência, pelo simples fato de estar convivendo com o delirante, pela participação em suas restantes boas intenções, por boa-fé. O delírio se transmite do mesmo modo que o bocejo, assim como os traços faciais e estados de ânimo passam de uns para os outros, ou uma corda musical responde harmonicamente a outra. Soma-se a isso ainda a diligência do delirante em confiar-nos as opiniões favoritas de seu ego como se fossem jóias, e ele sabe bem como se comportar para fazer isso; quem para agradar um amigo não começará delirando inocentemente com ele, para logo depois chegar a uma boa-fé poderosa e transplantar essa sua fé nos outros com a mesma diligência. (...) O delírio, justamente por ser delírio, gosta tanto de companhia; é nela que ele se revigora, porque se estivesse por conta própria não teria razão de ser nem certeza de nada; tendo essa finalidade, até a pior companhia é a melhor coisa para ele”. (Walter, 2013, pp82)

se manifestaran también a través de abandono de tareas, toma de edificios públicos y saqueos en algunas ciudades, como en las citadas. En su artículo, ella examina cómo los conceptos de *justicia e inseguridad ciudadana* son construidos en el Facebook y cómo allí se representan y evalúan los actos de los sujetos implicados en estos saqueos.

Como hablé, sabemos que esta y toda actividad investigativa depende sobre todo para su perfeccionamiento y consolidación de su urgente y creciente internacionalización, sea por docentes sea por estudiantes. En ese sentido, en su artículo, Ana Ruth Chinchilla Castillo, coordinadora del Programa de Investigación para la Promoción del Trabajo en Red-ProRed, y Evelyn Patricia Gutiérrez Soto, doctora en Comunicación y Paz por la Universidad para la Paz de Naciones Unidas y la Universidad de La Laguna, España, presentan los resultados de investigación sobre los estudiantes que participaron en 2015-2016 en experiencias de internacionalización de la investigación bajo el liderazgo del ProRed y de la Comisión de Movilidad Estudiantil del CONARE, en la Universidad Estatal a Distancia de Costa Rica. Trata de una corta pesquisa, en la cual se censó la totalidad de la población que se movilizó durante ese período y se propone una taxonomía de competencias en investigación que evidenció una serie de beneficios que colaboraron en el desarrollo de habilidades de investigación y crecimiento personal de los estudiantes entrevistados.

Por su vez, Luis Enrique Ibarra-Morales, catedrático de la Universidad Estatal de Sonora, y Marley Guadalupe Gutiérrez Leyva, estudiante del quinto semestre de la Carrera de Licenciado en Relaciones Comerciales Internacionales de la Universidad Autónoma de Sinaloa, tratan, a través del estudio sistemático del Cuestionario de Auto atribución de Comportamientos Socialmente Responsables aplicado a una muestra estratificada con afijación proporcional a 1,090 estudiantes de la Universidad Estatal de Sonora (distribuidos en 20 Programas Académicos considerados como estratos), de la identificación de las frecuencias e intenciones en los comportamientos socialmente responsables. Como conclusión se destaca que las mujeres ejercen una mayor influencia en la auto atribución de los comportamientos socialmente responsables en ambas escalas y en cada categoría estadísticamente significativa.

Es así que Francisco Isaías Camacho Rodríguez, del Programa de Desarrollo Humano de la Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado y Mención Honorífica en el XXX Concurso Internacional de Ensayos del Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo-CLAD, investiga en su artículo la ética deontológica en prosa, verso y oratoria de Andrés Eloy Blanco, a partir

del hecho de Domingo Miliani advertir acerca de la recurrencia del hilo como símbolo de continuidad tras lo finito en la obra deste insigne poeta popular de Venezuela, figura trascendente de la política nacional en la primera mitad del siglo XX. El hilo y el tejido surgen entonces, en las palabras del autor, como elementos que hilvanan y zurcen una trama moral añorada en los tiempos del poeta, tanto en la prosa periodística como en la ensayística e incluso en sus discursos como parlamentario, y en los tiempos del exilio que le tocó vivir en México, entre 1948 y 1955, año éste de su muerte, acaecida en Cuernavaca.

De hecho los comportamientos socialmente responsables, y, mejor, los comportamientos socioambientalmente responsables, son los hilos que tejen el tejido psicopolítico emancipatorio, que lo tejen con la ética, con la trama moral del encuentro de los hilos; de la comunicación entre los hilos, como enseñan los indígenas de la Sierra Nevada de Santa Marta con su *pensamiento-tejido*: que prosigamos en la construcción de la posibilidad psicopolítica del encuentro investigatório internacional que lo torna real a cada paso.

Referencias bibliográfica

- Agamben, G. (2004). Estado de *exceção*. Boitempo: São Paulo
- Calhoun, C. y Wieviorka, M. (2013). Manifeste pour les sciences sociales. Socio, N° 1. pp. 3-38.
- Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales (ed.) (2005). Crisis de las ciencias sociales de la Argentina en crisis. Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas de Universidades Nacionales y Prometeo Libros: Argentina.
- Jakobs, G. & Meliá, M. (2007). Direito Penal do Inimigo: noções e críticas. Organização e tradução André Luís Callegari e Nereu José Giacomolli. Livraria do Advogado/Editora: São Paulo.
- La Boétie (1922). Le discours de la servitude volontaire suivi de Mémoire touchant l'Édit de Janvier 1562 [inédit] et d'une Lettre de M. Le Conseiller de Montaigne. Editions Bossard: Paris.
- Ouriques, Evandro Vieira (2017). Teoría Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura. Volumen I. 1ª Edición. Colección Teoría Psicopolítica. Co-edición Universidad de La Frontera, Universidad Nacional de La Plata, Universidad Federal de Río de Janeiro, Universidad do Oporto y Universidad de Groningen.
- Ouriques, Evandro Vieira (2015). A teoria da gestão e a emancipação psicopolítica do sujeito do autocontrole contínuo e dos balanços anuais. in *Ágora de Heterodoxias*, Vol 1, N° 2. Universidad Centroccidental "Lisandro Alvarado: Barquisimeto, Venezuela.

Walter, Benjamin, (2013). O capitalismo como religião. Bomtempo Editorial: São Paulo.

Zaffaroni, (2018) <https://www.sul21.com.br/areazero/2018/08/eugenio-raul-zaffaroni-poder-financeiro-mundial-vi-rou-uma-organizacao-criminosa/>